

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**FOTOS DA COOPERATIVA MISTA DOS JUTICULTORES DE PARINTINS:
EDUCAÇÃO HISTÓRICA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Sávio da Silva Pimentel¹

Mary Tânia dos Santos Carvalho²

RESUMO

O presente artigo busca investigar as fotografias da Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins - COOPJUTA para abordar de que forma os trabalhadores relacionavam-se entre si em seu cotidiano assim como a relação com os demais cooperativos. Com o objetivo de discutir como os trabalhadores da juta organizados em cooperativa modificaram o ambiente no qual estavam inseridos e apresentar a discussão com os alunos do Ensino Fundamental. Na metodológica utilizou-se o infográfico como uma proposta de recurso metodológico para expor as fotografias de maneira didática para que os alunos pudessem entender a História da cidade de Parintins na conjuntura de uma aula-oficina com o tema: História ambiental. No presente artigo discutiram-se como os trabalhadores da juta organizados em cooperativa modificaram o ambiente no qual estavam inseridos.

PALAVRAS-CHAVES: Fotografia; Educação Histórica; História Ambiental, Infográfico.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: sdsp.his@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência e Matemática, Rede Amazônica de Estudos Superiores de Parintins CESP/UEA. E-mail: Marytania-sc@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Utilizar a fotografia como fonte de pesquisa é um caminho promissor, pois este material permite para o pesquisador observar diretamente um registro deixado por uma dada sociedade, analisando diversos aspectos como roupa, comportamento, características estéticas do local, entre outro, sob a perspectiva do fotógrafo que registrou e selecionou o que ele queria mostrar, ou seja, os elementos de composição daquela localidade.

As fotos da COOPJUTA foram utilizadas para perceber a relação que os juiticultores possuíam com o meio ambiente em que viviam, a relação com os demais trabalhadores da cooperativa e perceber como os trabalhadores da juta contribuíram para a construção da história municipal de Parintins. A partir dessa análise, as fotografias serviram como fonte metodológica na proposta de aplicação de uma aula-oficina trabalhando com a educação histórica.

Neste trabalho utilizaram-se fotografias para contar uma história local analisando-a com a abordagem da educação histórica³. Ao utilizarem-se esses procedimentos tem-se que ter em mente que o pesquisador terá que desenvolver nos alunos uma maior reflexão do que ele conhece sobre sua própria história, ou seja, a história local. O trabalho consiste ainda, de modo particular na proposta de utilizar a educação histórica juntamente com o uso da fotografia para trabalhar a consciência histórica através da aula-oficina com a temática da “História Ambiental”, aja visto que buscamos conscientizar os alunos das relações entre o homem e o ambiente.

Em uma aula-oficina utilizou-se a fotografia para proporcionar ao professor uma nova metodologia do Ensino de História, utilizando o iconográfico como recurso didático: o Infográfico⁴. Neste caso as fotos dos cooperativistas, juntamente com textos diretos, devem ser expostas no infográfico tornando-se um recurso atrativo e de fácil compreensão. Os registros fotográficos dos juiticultores do século XX, estão norteados

³ A consciência histórica vem à tona ao contar narrativas, isto é, histórias, que são uma forma coerente de comunicação, pois se referem à identidade histórica de ambos: comunicador e receptor. As narrativas, ou seja, histórias contadas aqui, são produtos da mente humana; com sua ajuda as pessoas envolvidas localizam-se no tempo de um modo aceitável para si mesmas. (RUSEN, 2010, p. 80)

⁴ Valoriza o texto escrito, contextualiza a informação para o leitor, colabora para a melhor compreensão do conteúdo ao unir a linguagem visual à verbal. Assim, atinge mais leitores, pois se encaixam adequadamente ao seu estilo de vida, proporcionando, inclusive, mais agilidade ao processo de recepção textual. (CALEGARI, 2013, p.297)

pela necessidade do homem de registrar momentos importantes daquele trabalho com a juta.

Neste contexto, a fotográfica já estava acessível para um público leigo, embora ainda não fosse comum como é na atualidade. O percurso que a fotográfico traçou não foi fácil, durante muito tempo foram surgindo técnicas que se aproximavam de um registro fotográfico, mas a partir do século XIX, surge o que foi considerado posteriormente a primeira imagem, resultado de duas técnicas que foram sendo aperfeiçoadas no decorrer dos anos, a ótica da câmara obscura e a sensibilização à luz de certas substâncias à base de sais de prata. A câmara escura

É bem mais antiga que a própria Fotografia, está ligada à visão perspectiva no Renascimento. A mesma consiste numa caixa de paredes retas e escuras em seu interior, e em uma delas há um orifício no centro, enquanto a parede oposta deve ser de cor clara, um vidro despolido ou uma tela de projeção, sobre essa superfície aparecem as imagens invertidas das cenas realizadas a frente do orifício. (CAMPANHOLI, 2014, p. 02)

A câmara escura está ligada a perspectiva no Renascimento, já a dimensão química se dá em duas etapas.

Na primeira a formação de uma imagem sobre um suporte coberto de sais de prata sensíveis à luz, e a segunda da fixação desta imagem no suporte, pois é através da fixação da imagem sensibilizada à luz que se permite registrar a imagem por um longo período, fazendo com que se chegue de fato à Fotografia. (CAMPANHOLI, 2014, p. 02)

Nesse contexto a dificuldade para muitos pesquisadores que buscaram aperfeiçoar essas técnicas, era a de encontrar uma forma de interromper e fixar o processo de enegrecimento da prata. Mas somente em 1839 a Académie des Scienses reconheceu oficialmente o nascimento da Fotografia pelas técnicas desenvolvidas pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre⁵. Contou-se um pouco dessa longa história para dizer que, com o aprimoramento da técnica fotográfica, a fotografia tornou-se um recurso acessível às várias camadas sociais existentes.

Atualmente ela é comum e está inserida na sociedade em suas práticas diárias, estando presente em aparelhos celulares tornando-se de fácil manuseio e sendo fundamental para captura de momentos importantes para cada pessoa. De modo que,

⁵ Foi um pintor, cenógrafo, físico e inventor francês, tendo sido o autor, em 1835, da primeira patente para um processo fotográfico, o daguerreotipo.

não perdeu a característica fundamental de contadora de várias frações das histórias que vem sendo construída na atualidade.

1. Fotos da cooperativa mista dos juticultores de Parintins: A História Ambiental na relação que os juticultores construíram com o meio ambiente.

A Amazônia baseou-se desde sua colonização na prática extrativista, dispondo produtos específicos do setor primário, até por volta do século XVIII, os interesses econômicos eram voltados na exploração das drogas-do-sertão, atividade essa que

Recebeu o apoio da Coroa portuguesa a qual, em face das dificuldades de obtenção das especiarias do Oriente, não mais conseguidas com a abundância dos períodos anteriores, concedeu incentivos fiscais e procurou estimular as iniciativas nesse sentido. (PRADO, 1997, p. 287)

Produtos como cacau, salsa, cravo, canela, castanha, madeiras eram utilizados para a alimentação, condimentação, entre outras finalidades e tinham fácil aceitação no mercado europeu. Após o “fim” da leva de exploração intensiva das drogas-do-sertão, entre o fim do século XVIII e início do XIX, a agricultura começa a entrar no cenário econômico, dava-se através dos incentivos do estado – diretório pombalino, para a plantação de determinadas espécies nativas da Amazônia.

Na segunda metade do século XIX, o produto que ganha destaque no cenário econômico nacional e mundial é a o látex, derivado das seringueiras. No contexto em que o mercado estava propício para aceitar tal produto, tornando o Brasil como principal fornecedor da borracha para o mundo, Prado (1997) afirma que:

A floresta sofreu grande ofensiva, os rios onde os seringais foram sendo construídos tiveram suas margens inteiramente ocupadas; a borracha foi responsável não apenas pela importância que a região amazônica assumiu na economia brasileira desse período, como também pela sua projeção no mercado internacional. (p. 289)

Observa-se logo que na Amazônia demandava incentivos na extração da borracha, ganhando destaque mundialmente.

Com o aumento da procura pela borracha, logo necessitou do aumento da mão-de-obra para trabalhar na extração do látex, nesse contexto inicia as primeiras levadas de migração, esta que seria composta principalmente por nordestinos vindos para a Amazônia, originavam-se principalmente do Ceará. Esses homens estavam vivenciando

em alguns casos a seca, a busca por melhorias de vida e viam a Amazônia esse local de enriquecimento.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, quando era necessário da matéria prima do látex para a confecção de pneus, seringas e outros objetos, iniciou a segunda fase de exploração intensiva da borracha. O apoio do estado fez com que fosse grande a leva de migratória para a Amazônia na qual ficaram conhecidos como “soldados da borracha”.

Com declínio da exportação do látex Amazônico, devido aos seringais surgidos na Ásia, com sua forma de plantio facilitou a extração do látex, surtindo no baixo preço fazendo com que diminuísse e chegasse ao fim a procura pela borracha brasileira.

Após o declínio na procura da borracha Amazônica, porém não o fim da produção do látex, outro produto ganha destaque, a juta, com nome científico de *Corchorus Capsulares*. A partir da década de 1930, ocorreu a introdução do plantio da juta no Amazonas, no município de Parintins, na região de várzea de Vila Amazônia.

Foram os colonos japoneses, ligados à Companhia Industrial Amazonense Sangyo Kabushiki Kaisha, que realizaram as primeiras experiências de plantio de juta na região, as sementes eram procedentes de São Paulo e do Japão. (ECO Bags Brasil, s/d, p. 05)

Tal sucesso se dá ao fato do colono chamado Ryota Oyama, possuir uma vasta experiência com agricultura e domínio da técnica do plantio da juta e manuseio da fibra possibilitando o sucesso das tentativas. Aquele desenvolveu uma variedade de juta que se adaptou ao tipo de solo da Amazônia. Abaixo mostramos uma fotografia da referida cultura.



Foto 1

FONTE: Acervo digital COOPJUTA - PIN

Observa-se na imagem colhida na COOPJUTA, o trabalhador envolvido com a economia da juta, estavam submetidos a uma extensa carga horária de trabalho, que variava de oito a dez horas por dia, além de estarem vulneráveis a várias doenças como: a malária, o rói-rói⁶ entre outras, assim como ataques de animais como jacarés e cobras, pois como nota-se, era necessário que estivessem com a metade do corpo submerso à água.

Neste sentido a foto não é apenas um ato físico ou mecânico, na qual o fotógrafo registra determinada situação apenas por registrar, a fotografia nada mais é que o resultado total daquele indivíduo, suas emoções, frustrações ou qualquer outro sentimento será demonstrado caso seja a vontade do fotógrafo, junto com o assunto na foto, conforme pondera Kossoy (2001),

Buscávamos enfatizar que diante de idênticas condições (mesmo assunto e tecnologia) havia os fotógrafos que produziam imagens que em qualquer época seriam consideradas importantes e definitivas, e outros que produziam apenas imagem. O objetivo primordial era o de ressaltar o papel decisivo que a bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade podem imprimir no resultado final. (p. 43)

Observou-se na fotografia acima e na indicação do autor o produto fotográfico carrega uma bagagem daquele que as tiras, muitos fotógrafos querem deixar uma parte da história registrada através de uma foto na qual ele seleciona com tal intenção, mas não podemos deixar de ressaltar que outros, tiram apenas por querer produzir, sem ter a consciência de que tal fonte poderá ser estudada por um pesquisador. Neste caso, as fotos da COOPJUTA revelam ambas intenções pois, ao deixarem sua história registrada através das fotografias, inconscientemente puderam disponibilizar de uma fonte para a pesquisa do presente trabalho, assim como outros futuros.

Pode-se verificar que com o cultivo da juta, o homem modifica o ambiente, fazendo sua plantação próxima a rios. Anteriormente, era necessário que limpasse a área, no caso da COOPJUTA, a cooperativa alguns membros já possuíam maquinário que facilitava esse processo. Em outros casos era diferente, como verificamos na citação adiante:

O plantio de malva, consiste em broca, derruba, rebaixamento queima e encoivramento. Em caso da cobertura vegetal ser capinzal, procede-se a

⁶ É uma micose que dá nos pés devido o contato com a água, na Amazônia é mais conhecido como “mijacão”.

roçagem, para a várzea baixa, para o plantio de juta, consiste em fazer roçagem.” (ECO Bags Brasil, s/d, p. 09)

Uma característica principal no processo de limpeza dessas áreas introduzida pela cooperativa, como mostra O fato abaixo, foi a retirada das matas ciliares⁷ por tratores para depois cultivar a juta. A referida pratica traz consequências visíveis, pois muitas áreas de várzeas hoje parecem campos de pastagens ou de futebol. O homem mais uma vez transforma o ambiente para favorecer seus interesses.



Foto 2

FONTE: Acervo digital COOPJUTA - PIN

Com isso, pode-se dizer que, desde seus primórdios o homem tem como prática cultural: a modificação do ambiente seja para melhorar sua qualidade de vida ou para deixar registrados momentos que são essenciais hoje para a compreensão do dado momento vivido procedendo ao fortalecimento da memória daquele indivíduo. Em diferentes períodos cronológicos, podemos observar a ação humana na forma de imagens, desenhos, fotografias, entre outros.

No Paleolítico, por exemplo: os homens deixavam seus registros através de pinturas nas paredes das cavernas, essas imagens representavam em geral animais ou pessoas que dado contexto tinha um valor para aquele que registrou. Na Antiguidade, a escrita foi uma das formas cruciais que serviram e servem até hoje para eternizar momentos. Na Idade Média, a escrita estava concentrada principalmente nos mosteiros. Na Modernidade, podemos destacar outras formas de registros, as pinturas de quadros,

⁷ É a formação vegetal localizada nas margens do córregos, lagos, represas e nascentes. Também é conhecida como mata de galeria, mata de várzea, vegetação ou floresta ripária.

destacaremos um em específico para exemplificar a forma na qual as imagens pode ser atrelada com a História.



Foto 3

FONTE: Acervo digital COOPJUTA - PIN

A respectiva imagem acima, colhida no acervo digital da cooperativa, nota-se que após a limpeza do local retratada na imagem anterior a está, o trabalhador da juta começava com o plantio “a partir de dezembro, com um ciclo de desenvolvimento de cinco a seis meses, sendo colhida entre maio e junho.” (ECO Bags Brasil, s/d, p. 08), caracterizando ciclo curto de alta produtividade que ao chegar na colheita a juta já atingia um comprimento de até quatro metros. No início, a plantação estava basicamente vinculada como uma produção familiar, na qual era necessária a participação de todos os membros, sejam idosos, crianças e mulheres.

Na fotografia acima, a foto possui uma intenção que será a representação de um recorte da realidade vivida pelo seu autor no caso o retratista, “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.” (KOSSOY, 2001 p. 36), fornece através da iconografia um depoimento daquele contexto histórico e a foto é o produto da seleção do fotógrafo.

Na composição da fotografia acima, fica nítido a intensão que seu autor, demonstrar o tamanho da plantação de juta, deduzida a partir da análise do plano na qual a foto foi captada, neste caso a fotografia tirada em grande angular, abrange o máximo de informações que uma fotografia pode conter. A extensão desse campo está atrelada a localidade daquela produção, nota-se que entre os campos de plantação da juta, existe um pequeno riacho que naquele local possuía uma função descrita anteriormente.

Após o término do ciclo da plantação inicia-se a colheita, umas das principais características desse processo é a maceração das fibras (juta/malva). Outra etapa é a lavagem que dura em torno de 2 a 3 horas, esse processo pode ser observado na primeira foto mostrada no presente trabalho, a partir de então a juta é estendida nas áreas dos barracões para secagem.



Foto 4

FONTE: Acervo digital COOPJUTA - PIN

Na fotografia acima, observa-se a extensa área dedicada para a realização da etapa da secagem. As fibras estão estendidas em varais ligeiramente torcidos, amarrados para serem após serem trazidas para a cidade, como ocorria com os cooperadores da COOPJUTA.

Os cooperativos ao registrarem através da fotografia, deixaram sua história para gerações futuras estudarem, as fotos aqui utilizadas passaram pelo processo de análise e seleção, na qual consiste em três aspectos: o assunto a ser fotografado, o fotógrafo que será quem registra a fotografia⁸ e a tecnologia, ou seja, o material que o fotógrafo usará para criar uma determinada foto do assunto na qual o mesmo quer mostrar. A fotografia, portanto, é “resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia.” (KOSSOY, 2001, p. 37).

Esses recursos empregados no momento de capturar os registros fotográficos serviram para entender a forma de pensar e agir dos cooperativos da COOPJUTA/PIN

⁸ Este que não conseguimos identificar.

ao se tratar de fotos que demonstram claramente a ostentação dos campos de cultivo da juta, com a intenção de mostrar a grandiosidade dessas plantações na qual em dado momento não se possuía a ideia de agressão aferida ao ambiente, pois ao se tratar de um produto natural, tinha-se a noção por parte dos cooperados de ser um produto sustentável e que não acarretava qualquer dado ao ambiente onde estava sendo cultivado a plantação de juta, porém como era necessário de uma extensa área, seria preciso que houvesse o desmatamento do local para o cultivo de um único produto.

A ideia que os cooperados possuíam de serem desenvolvidos ou evoluídos está pautada na concepção de “progresso”, que se trata de um “desenvolvimento econômico e tecnológico como indicador inquestionável no avanço definitivo sobre as forças e recursos da natureza” (CAROLA, 2010, p. 173), nesse sentido pode-se deduzir que os juticultores estavam preocupado em gerar uma quantidade maior de juta e conseqüentemente mais ganho de capital, sem se preocupar com os impactos que o ambiente sofria, uma vez que os mesmos se sentem os donos do meio ambiente, logo possuem autoridade suficiente para ditar o que pode ou não ser feito naquela área “os homens intervenham no meio ambiente de maneira deletéria superexplorada a natureza e discriminando modos de vida alternativos.” (CAROLA, 2010, p. 175, na qual tal noção perpetua até hoje.

Deve-se então refletir sobre a função que a Amazônia exerce em uma conjuntura nacional e até mundial, portanto, faz-se necessário profissional qualificado na fabricação de produtos específicos como aqui citados a juta. Trazida e adequada no solo amazônico, sem o consentimento dos produtores se era aquele produto que realmente queriam plantar e a forma que posteriormente os ambientes destinados a plantação foram sofrendo impactos ambientais acarretadas pela depredação daquelas localidades retirando e modificando a natureza existente lá.

2. Educação histórica nas fotografias da cooperativa mista dos juticultores de Parintins: Proposta de uma aula-oficina com o tema “história ambiental” utilizando o Infográfico.

Os registros fotográficos podem ser usados para contar uma história desde que seja abordado de forma problematizada, além disso pode ser utilizada como fonte metodológica no Ensino de História Local, pois “conhecer essas histórias é conhecer também um pouco da história coletiva, pois falam muito do conjunto.” (MOYSES,

2011, p. 1649). Verificando a importância que as imagens possuem na composição da história de uma cidade.

Esta parte da pesquisa abordará especificamente a proposta do trabalho com fotografias para ensinar história utilizando como recurso didático o infográfico para dispor as fotografias para uma melhor visualização dos alunos. A escolha do infográfico deu-se por se tratar de um material didático que contém imagens que explicam e informam, porém de forma dinâmica, contendo as fotos do acervo digital da COOPJUTA para sua realização tendo como apoio o campo da História Ambiental.

Infográfico vem do inglês *informational Graphics*.

A disposição das fotografias no referido recurso, tem como objetivo a reflexão dos alunos dentro da abordagem da educação histórica, visto esta ser um campo de pesquisa que investiga na área do ensino de história a natureza do conhecimento histórico por meio da exploração de fontes, de diversos tipos, e sempre que possível multiperspectivada entre os alunos (CAINELLI e SCHIMIDT, 2001).

Procurar desenvolver a consciência histórica dos alunos é um dos objetivos do professor de história e a educação histórica é um dos meios eficaz para atingir essa meta, pois possibilita aos educandos conhecer a própria história da sua cidade e de outras, com isso um pouco da própria história e dos outros, havendo uma captura da identidade coletiva para si.

A partir da aula-oficina buscar desenvolver a valorização do grupo social em que o aluno vive, no nosso caso, a cidade em que reside (Parintins), aja visto que ela se dará através do desenvolvimento da consciência histórica utilizando as fotos no infográfico, conforme pondera Galegari (2013), o infográfico tem como finalidade

Apresentar ao aluno a infografia, englobando o seu contexto de produção, a sua organização discursiva, bem como a sua composição textual-imagética, proporcionando-lhe a apropriação das características regulares dos infográficos e, em decorrência, a sua interpretação adequada. Também relatamos possíveis estratégias de leitura, buscando fomentar melhorias mais efetivas no letramento desse gênero de texto. (p.297)

Para o ensino, ao possibilitar visualização de outras épocas através de registros reais. Neste caso, de como o ambiente do Baixo Rio Amazonas, as várzeas do município de Parintins sofreram a intervenção antrópica. Hoje, visivelmente percebida no fenômeno das terras caídas, na qual tem como um dos fatores, as retiradas das matas ciliares que conseqüentemente leva a fragilidade do solo, acarretando tal fenômeno.

Para tanto se sugerem passos para conduzir a atividade proposta:

1º momento: o primeiro momento da aula-oficina será direcionado a captura das ideias prévias, saber o conhecimento que o aluno já possui em relação ao tema a ser abordado;

2º momento: o segundo momento será de abordagem científica do conteúdo a ser ministrada a aula-oficina, este que só poderá ser realizado se o professor buscar fontes de pesquisas aprofundadas, no caso da nossa proposta, será de abordagem e exploração do infográfico, conforme figura abaixo, criada pelo autor para demonstrar o infográfico:

Infográfico História Ambiental

1



2



3



4



FONTE: Acervo digital COOPJUTA - PIN

(1) Jucicultor realizando o processo de lavagem da juta; (2) Maquinário sendo usado para a limpeza da área que posteriormente será destinada ao plantio da juta; (3) Extensa área de cultivo da juta; (4) Área destinada a secagem da juta.

3º momento: É a etapa final da proposta de aula-oficina, será direcionada para momentos dinâmicos tendo como objetivo a captura do entendimento dos alunos em relação ao tema abordado, este que pode ser realizado através de questionários, utilizando as próprias imagens presentes neste artigo, colocadas em uma folha de papel tamanho A4, com perguntas como, por exemplo: qual das imagens chamou mais sua atenção? Sobre as imagens que lhe chamou mais atenção, qual seu entendimento sobre ela? Qual a relação entre a imagem com o tema da aula-oficina? Qual a diferença que você nota entre os ambientes nas imagens? As imagens descrevem que ambiente para você?

A partir dessas três etapas o professor teve um roteiro para realizar uma aula-oficina com um recurso diferenciado e atrativo, capaz de chamar a atenção do aluno, sabendo se foi algo positivo ou negativo através da análise dos dados coletados e a comparação com a coleta das ideias prévias. Para então fazer uma explicitação concisa sobre o conteúdo-tema em questão. Como exemplificamos abaixo, uma abordagem contemporânea da história ambiental na concepção de Montesuma (2010):

Na História a abordagem da História Ambiental deve incluir os seres humanos a partir de um ponto de vista ecológico, analisando o comportamento das espécies, incluindo as cultivadas e domesticadas. Assim, como os fluxos de energia e materiais. Neste sentido, deve-se perceber a relação inquebrável entre a natureza e o homem, conteúdos que não podem ser estudados de forma separada, pois um é complemento do outro. Estudar a História do Meio Ambiente é conseqüentemente estudar a ação do homem e as transformações que o mesmo proporciona a natureza.

Dentro de nossas considerações podemos mostrar aos alunos a relação de complementaridade existente entre os seres vivos. Sobre a proposta, pode-se ainda afirmar que, a fotografia é uma fonte de pesquisa, que pode contrapor ou não a história tradicional. Tudo depende da utilização e do olhar e do discurso que se dá a ela.

Em um passado, não muito distante os livros didáticos por exemplo valorizavam o individual, os grandes homens e as grandes sociedades. Hoje com o avanço da tecnologia, das pesquisas e das diferentes abordagens da história. Em particular a história local tem-se levando a uma verdadeira revolução historiográfica, as fontes e imagens que contam as histórias das cidades ou os recortes que fazemos desta, abrindo-se a oportunidade de contar a história dos que eram marginalizados pela historiografia tradicional.

Assim, no contexto escolar, a fotografia desempenha a função de fonte metodológica para o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos, haja vista que:

Recorrer ao uso de documentos nas aulas de História pode ser importante, segundo alguns professores, por favorecer a introdução do aluno no pensamento histórico, a iniciação aos próprios métodos de trabalho do historiador. (DIAS, 2012, p. 34)

Deve-se ter em vista que a fotografia é a reprodução da intenção do seu autor, esse que decide o que irá ser registrado e eternizado na folha de papel, mas não descartando que esse aspecto mostrado pode servir como fonte de análise iconográfica, não rejeitando a crítica que este tipo de documento tem que receber, pois “avaliar esse tipo de documento e desenvolver um tipo de crítica de fonte que possa levar em conta as características específicas do meio de comunicação.” (DIAS, 2012, p. 32), essa crítica serve para desenvolver a capacidade do pesquisador de fazer uma leitura e análise fotográfica.

Como já dito, na proposta de aula-oficina aqui abordada, as fontes fotográficas não serão meras ilustrações, devem ser trabalhadas de forma problematizada, uma vez que a:

Utilização de fotografias na sala de aula é um desafio acrescido para os professores, tendo em conta, o tratamento metodológico que o acervo iconográfico exige, para não se limitar a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir os alunos acostumados com a profusão de imagens do mundo audiovisual. (DIAS, 2012, p. 38)

É necessário que o professor forneça para esses alunos, mecanismo para que ele possa compreender e entender as fotos selecionadas como fonte didática, potencial de despertar os seus interesses, uma pré-disposição em aprender, como observamos na citação a seguir:

Para ensinar com a ajuda de imagens o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador cultural, ou seja, atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. (GEJÃO, p.01)

Valorizar outras fontes que fujam do padrão, trazendo probabilidades novas para praticar o ensino e empenha-se para trazer fontes inovadoras, pois o aluno acaba por

umenta seu interesse assim como a compreensão da matéria através de uma abordagem nova para o educando.

É necessário ao docente ter cautela quando opta em utilizar a fotografia como fonte didática na prática do ensino, pois como dito anteriormente, a imagem é um resultado da somatória de emoções e ações de um fotógrafo e é preciso que o aluno consiga compreender essa gama de aspectos presente na foto, mas para que isso ocorra o próprio professor, deve possuir preparo para realizar tal trabalho no ambiente escolar, uma vez que em muitos casos, a graduação não oferece mecanismos para trabalhar com a fotografia, então cabe ao professor buscar formas de aprender e ensinar, proporcionando para ela e futuramente para o aluno o desenvolvimento da capacidade de fazer uma leitura fotográfica como pondera Campanholi (2014):

Ao aprender a fazer a leitura fotográfica, o aluno poderá perceber as várias interpretações contidas em uma única imagem assim como “*estar atento para as possíveis manipulações que podem ter acontecido, através dessa leitura o discente desenvolverá o olhar crítico, a capacidade de interpretação.*” (p.11).

Dessa forma o aluno pode entender e ser capaz de entender e analisar registros fotográficos que são direcionados para o mesmo pelo professor. Os alunos podem utilizarem de indagações para alcançar essa etapa, as perguntas podem ser: Quem criou? Qual objetivo? Quando foi criada? Entre outras. Cada pergunta servirá para auxiliar na análise iconográfica, ao sabermos por exemplo o ano em que foi registrado a foto, pode-se saber o contexto histórico que aquela fonte foi criada, o que estava ocorrendo no local em que foi feito o registro, entre muitos outros aspectos que a indagação nos leva.

Essas indagações podem servir em aula-oficina para capturar as ideias prévias dos alunos, aja visto que, os mesmo podem não possuir qualquer contato com o tema e as perguntas terão como função de iniciar um diálogo. As perguntas à serem realizadas visando dá nexos entre o tema no nosso caso a proposta do artigo seria de uma aula-oficina com o tema “história ambiental” e as fotografias do infográfico.

Na aula-oficina as fotos no infográfico se tornam interessantes o seu uso por se tratar de um recurso visual, torna-se mais atrativos e capaz de desenvolver um olhar mais crítico, ampliando a capacidade de interpretação e leitura fotográfica. Vale lembrar que é necessário para o professor inicialmente fornecer “o maior número de dados possíveis sobre quando e onde a fotografia foi feita, bem como todos dados biográficos disponíveis sobre o autor da fotografia.” (CAMPANHOLI, 2012, p.45).

Essas informações estarão contidas no próprio infográfico, que terá como auxílio textos, entendendo que o “infográfico não apenas ilustram ou decoram determinada informação, mas aliam o texto e a imagem, conduzindo a uma compreensão mais profícua dos dados que se intenta compartilhar.” (ZANETTI, p.03).

O professor que fornece todos os mecanismos necessário para desenvolver uma aula-oficina de fácil compreensão para os alunos, finalizará com resultados positivos, na qual será visível na hora de fazer a análise dos dados coletados, pois a partir dessa verificação poderá se auto avaliar, assim como a proposta aqui relata para uma aula-oficina abordando História Ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização do presente trabalho, pode-se concluir que o recurso fotográfico ou qualquer um outro iconográfico pode ter diversas finalidades para um professor/pesquisador. Aqui utilizou-se inicialmente para analisar um fração a História Local, através das fotografias deixadas pelos próprios Cooperativistas da COOPJUTA, procurando entender sua finalidade para aqueles trabalhadores.

No seu inconsciente os cooperados não sabiam que os registros fotográficos deixados por eles, serviriam como fonte de pesquisa para a realização desses e de outros trabalhos científicos, a fotográfica nesse contexto tinha como finalidade a de registrar a extensões de campos do cultivo da juta.

Outra característica presentes nas fotografias é a de modificação desses ambientes em prol do cultivo da juta, não olhando os possíveis impactos que o plantio de único produto em uma extensa área pode causar futuramente como fenômenos naturais, secagem dos igarapés, entre outros.

A reflexão final do presente artigo é a forma na qual pode-se utilizar o recurso fotográfico para a elaboração de uma aula diferenciada, trazendo pro âmbito escolar uma nova perspectiva de ministrar o Ensino de História Local da cidade de Parintins, com registros deixados pelos próprios habitantes do município, mas utilizar esse recurso requer, pois é necessário que o professor possuir mecanismo que o auxiliam na abordagem fotográfica de forma positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAINELLI, M.; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Educação Histórica: Teoria e Pesquisa**. Ijuí: Editora Inujuí, 2001.
- CALEGARI, Denise Aparecida. **Infográfico: possibilidades metodológicas em salas de aula de Ensino Médio**. Entretextos, Londrina, v. 13, n. 1, p. 291-307, jan./jun. 2013.
- CAMPANHOLI, Julie A. M. **A fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente**. Revista Primus Vitam Nº 7 – 2º semestre de 2014.
- _____, Julie Anne Macedo. **O uso da fotografia na prática docente**. Revista Pandora Brasil - Nº 49 Dezembro de 2012 - ISSN 2175-3318.
- CAROLA, Carlos Renato. **Meio Ambiente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. – 2. ed. – São Paulo: contexto 2010.
- DIAS, Ana Isabel Sousa. **A Fotografia no Ensino da História**. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2012.
- DOMINSCHKEK, Desiré Luciane. **Uma fotografia pode contar histórias? As fontes e o ensino de história da educação**. ANPUH-Rio, 2014.
- ECOBAGS, Brasil. **Inclusão social e desenvolvimento dos Juteiros da Amazônia**. s/d.
- GEJÃO, Natalia Germano. **Fotografia e Ensino de História: mediadores culturais na Construção do conhecimento histórico**.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- MOYSES, Juliana Mastelini. **IV Aiporã: histórias a partir de fotografias e oralidade**. Londrina, 2011.
- OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; MONTEZUMA, Rita de Cássia. **História e ecologia da paisagem**. Mercator – Revista de Geografia da UFC, vol. 09, num. 19, maio-agosto, 2010, p. 117-128, Universidade Federal do Ceará.
- PRADO, Maria Ligia C. e CAPELATO, Maria Helena R. **“A Borracha na Economia Brasileira da Primeira República”**. In: Boris Fausto (Org.). **História Geral da civilização Brasileira**. Tomo III – O Brasil Republicano (1889-1930). São Paulo, Difel, 1977.
- RUSEN, JORN. **Jorn Rusen e o Ensino de História**. Organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- ZANETTI, Vânia Regina. **Infografia: ensino e aprendizagem na era da imagem**. s/d.